

Escrita, leitura e trabalho colaborativo: a produção de jornal na escola¹

Mariana Cristina MOURO²
Mariane Xavier DUARTE³
Benedito Dielcio MOREIRA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a repercussão com a produção e a circulação de jornais impressos produzida pelos alunos das escolas envolvidas com o projeto “Educomunicação, Ciência e Outros Saberes”. Um dos pontos mais marcantes de todo o processo de produção do jornal foi a circulação, quando o jornal chegou às mãos dos alunos, familiares e convidados em um evento que marcou o fim da primeira fase do projeto. Consideramos que ainda hoje, com todas as tecnologias digitais disponíveis, a produção de um jornal impresso na escola é uma experiência rica em aprendizado, seja da escrita, da leitura ou do trabalho colaborativo entre professores e alunos.

Palavras-chave: Juventude; Jovens e as Tecnologias; Jornalismo; Jornal impresso.

Introdução

Este trabalho nasce no grupo de pesquisa “Educomunicação, ciência e outros saberes: um estudo do trabalho colaborativo e compartilhável em narrativas transmídias”, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cuja discussão está centrada na relação dos jovens com as mídias. A pesquisa atual busca compreender como a produção de um jornal impresso pode auxiliar no desenvolvimento da escrita e na relação ensino/aprendizagem.

O desenvolver desse trabalho se deu a partir de relatos de experiências captadas em formato de áudio dos professores e alunos de uma das quatro escolas de campo participantes do projeto. O objetivo deste trabalho é discutir se a prática de elaboração de textos jornalísticos, de produção de um jornal, trouxe os resultados esperados e desejados no que diz respeito à melhoria na escrita e ao trabalho colaborativo envolvendo alunos e professores.

O jovem está hoje o tempo todo conectado e conferindo informações, vendo vídeos e ouvindo músicas em seu celular. Ali, ele constrói um mundo à parte, só dele. Entender o

¹ Trabalho apresentado no GP – Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: m.mouro23@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: marianexadu@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Prof. Dr. Benedito Dielcio Moreira, email: dielciomoreira@yahoo.com.br

motivo pelo qual o celular está sempre nas mãos do estudante não é o nosso objetivo neste texto. Nosso desafio é a utilização deste artefato como ferramenta de apoio ao aprendizado.

Sabemos que por meio do aparelho o jovem fala com amigos, troca mensagens e, se estimulado, utiliza-o também para estudar. Esse estímulo é necessário para o desenvolvimento de seu aprendizado e crescimento intelectual.

Universidade e Sociedade

Como estabelecido no artigo número 207 da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, todas as universidades brasileiras devem por princípio obedecer ao tríptico aspecto, correspondendo à pesquisa, ao ensino e a extensão. Esses aspectos de forma indissociabilizada formam os pilares do fazer universitário.

Sabemos que o ensino, aliado às pesquisas desenvolvidas nas universidades, tem por pretensão produzir conhecimento científico e tecnológico. Além do mais, a pesquisa enquanto atividade acadêmica complementar estimula a formação e auxilia no desenvolvimento local, regional e até mesmo nacional, na forma de produtos, tais como equipamentos, descobertas, e muito mais.

Em projetos de pesquisa, de forma sintetizada, há o estudo de determinado fenômeno social, a análise das teorias existentes relacionadas ao tema, podendo até mesmo haver visitas ao campo para coleta de dados, dependendo do método utilizado. Ordinariamente pesquisas também podem gerar projetos intervencionistas, que são projetos de atuação no campo de estudo, planejados e executados com base nos dados e no conhecimento da área.

Compreende-se intervenção, segundo Soares (2011 apud Almeida, 2016, p.5), como a “realização de atividades, da proposição de alternativas inovadoras, da mediação, da oferta de referências libertadoras, que usualmente, por diferentes motivos, não são vislumbradas pelos membros de uma comunidade”, o que possibilita a troca de conhecimentos entre a universidade e comunidade, por exemplo.

Com a proposta de contribuir com as escolas, as intervenções sociais, aliadas aos projetos de pesquisas, facilitam na divulgação de informações e na fixação dos conhecimentos. Tanto os alunos, quanto os professores e toda a comunidade compartilham seus saberes com os pesquisadores que retribuem o contato nas atividades intervencionistas.

Sabendo que intervenções sociais funcionam como estímulo de criticidade, implementar projetos educacionais como campo da intervenção social emprestem

razões para o que aluno goste da formação recebida, criando nele o desejo de participar na difusão e multiplicação de todo o conteúdo trabalhado.

A Educomunicação

As formas de aprendizado se diferenciam há muito tempo. Antes mesmo de usar o quadro negro, existiam pinturas nas paredes que ensinavam sobre os costumes, a forma como viviam aquele povo, sua cultura no geral. Ao longo dos séculos ocorreram transformações no modelo de ensino e aprendizagem. E com o passar dos séculos, outras inovações foram adotadas, tais como o antigo retroprojeter e o agora *datashow*. Apesar destas inovações, o ensino segue centrado no conhecimento do professor e na capacidade de armazenamento deste saber pelos alunos.

A educomunicação surge como aliada deste processo de ensino e aprendizagem. Silva e Krauss apresentam em seu artigo “O Jornal Escolar como Campo de Estudo da Educomunicação: A Experiência Pedagógica do Jornal Educativo e Notícias Escolares”, os termos “ecossistemas comunicativos” e uma “educação libertadora”:

Outro foco que norteia todo o campo educação/comunicação é a criação de ecossistemas comunicativos, em outras palavras, ambientes nos quais haja interação real entre produtores, receptores e partilhadores do conhecimento e no que diz respeito ao universo das comunicações a que têm acesso alunos e professores [...] É necessário ressaltar ainda, a importância que o campo da Educomunicação tem na representação de uma educação mais libertadora e formadora de pessoas capacitadas a ver e agir de modo transformador na sociedade. (Silva e Krauss, 2009, p. 3).

Esses pilares que Silva e Krauss apresentam são resultantes desse formato de ensino/aprendizagem, um ambiente diferenciado, que proporciona ao estudante um novo olhar para a sala de aula. Os professores mais receptivos às sugestões e colaboração dos alunos proporcionam a ligação entre eles, tornando-os colaboradores da criação de informação. Introduzindo esses tópicos, o estudantes passam a ser ativos na produção de conteúdo, se sentindo livres para buscar informação e compartilhá-la com seus professores e colegas.

Entre as inúmeras possibilidades de atividades educacionais, a construção de narrativas se mostra uma das mais fecundas. A intenção de narrar um fato pode ser percebida na história do desenvolvimento humano desde o sistema pictográfico, em que cada figura representava um conceito. Este desejo humano de registrar e passar adiante as

histórias marca a história da humanidade. São potencialidades que a literatura, o cinema, a televisão e o jornalismo capitalizam e chamam para si esta responsabilidade.

Compreendemos também a importância da leitura e da escrita para o jovem estudante. “No exercício da escrita precisamos desenvolver também a leitura, e por leitura podemos entender como a habilidade fundante do ser humano, uma prática social, e um ato de coprodução de textos” como nos apresenta DELL’ISOLA (1993, p.165).

Educomunicação, Ciência e Outro Saberes

Este projeto é uma parceria da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) com a Secretaria de Educação (SEDUC) e tem por objetivo tornar as tecnologias digitais, em especial o celular (um meio de comunicação), aliadas do professor em sala de aula.

O estudante se deixa distrair por muitas coisas, e não é para menos. Ele vive em uma fase em que mudanças são partes integrantes de seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento. Essa também é uma fase repleta de emoções, diversões e frustrações. O aparelho celular é hoje um companheiro inseparável do jovem. É tanto um instrumento de distração, entretenimento, como de pesquisa, de aprendizagem, podendo causar resultados negativos ou positivos. A questão não está no celular, mas no uso que se faz dele.

O projeto Educomunicação, Ciência e Outros Saberes busca tornar o celular uma ferramenta de apoio ao professor e ao aluno. A partir do incentivo desta tecnologia como ferramenta de pesquisa e estudo, o aluno poderá fazer do celular também um aliado de seu aprendizado. No entanto, o projeto vai além da pesquisa pelo celular.

Em encontros semanais, os estudantes de comunicação social, com habilitações em jornalismo, publicidade e radialismo, juntamente com professores, realizaram no período de julho de 2015 a novembro de 2015, em sete escolas do estado de Mato Grosso, distribuídas em áreas rurais e urbanas, oficinas de como este aparelho poderia ser útil ao processo ensino/aprendizagem. Nestas oficinas, professores e alunos se reuniam e recebiam dicas para fotografias, produção de audiovisual e textos jornalísticos.

A partir das oficinas, tarefas em áudio, vídeo, fotos, textos, relacionadas aos costumes, cultura de sua comunidade e conteúdo escolar, foram desenvolvidas em atividades conjuntas por alunos e professores.

Os vídeos produzidos tinham diversos temas relacionados ao conteúdo que estava sendo estudado em sala de aula. Como exemplo, citamos a segunda guerra mundial, fauna e flora, além dos saberes populares, como plantas medicinais e empreendedores da

comunidade. Já as oficinas de jornalismo têm por objetivo auxiliar na escrita, na busca de informações, obtenção de conhecimentos gerais e específicos e na circulação deste conhecimento. O resultado foi a publicação de cinco jornais produzidos pelos próprios estudantes, um jornal para cada escola, em que os estudantes apuraram suas pautas e escreveram os textos, utilizando o que haviam praticado nas oficinas. As fotos utilizadas para ilustrar as reportagens também foram feitas pelos estudantes.

A produção de um jornal não é um trabalho individual. Esses jornais foram produzidos pelos estudantes, com a ajuda de seus professores, e apoiados pela equipe da UFMT. Abaixo trazemos uma discussão sobre esta experiência, as dificuldades e envolvimento de alunos e professores.

Relatos da experiência

Três aspectos importantes poder ser destacados na experiência de produção de um jornal escolar, circunstâncias que presenciamos também em outras escolas. Primeiro, as dificuldades iniciais com a escrita, com a produção de textos, com a organização das ideias, em atividades de laboratório. Depois, a alegria com a perspectiva de realização de entrevistas, gravação, documentação da pauta. Por fim, o desejo de escrever, de passar para o papel a experiência de campo.

Sobre as oficinas e as dificuldades para escrever e o entusiasmo com as entrevistas, os professores disseram que de maneira geral houve avanços, principalmente em aspectos como leitura, escrita, interpretação de textos, desinibição. Podemos também perceber a consciência dos alunos sobre a importância da escrita, com a ortografia e também com ordenação dos pensamentos para a composição dos textos.

Como esta é a segunda edição do projeto, um professor de uma das escolas aproveitou para fazer um paralelo sobre a metodologia adotada na condução das oficinas nas duas fases do projeto. Ele lembra que na primeira edição o retorno não foi tão satisfatório quanto nesta segunda. Para ele, nesta segunda edição, como a equipe da UFMT já conhecia tanto os alunos quanto os professores, e já tinha experimentado outras abordagens, o projeto apresentou resultados mais satisfatórios.

Para os alunos que participaram de todo o projeto de produção do jornal, desde a definição de pautas até a finalização da edição, a partir da elaboração do jornal eles admitem melhoras na escrita. Segundo os próprios alunos, essa atividade fez com que eles

desenvolvessem uma leitura mais crítica dos conteúdos que buscavam para ler, e a escrita se tornou melhor também por causa da leitura.

Eles ainda relatam que conseguiram trabalhar a interpretação de texto e enxergar nos textos que liam os principais pontos para colher informações necessárias para quando precisarem escrever um resumo, estudar para a prova, entre outras atividades que envolvem leitura e escrita. Eles ainda contaram sobre o despertar para escrita a partir desta atividade. Já aqueles alunos que admitiram ter muitas dificuldades com a escrita, após este processo de produção do jornal passaram a sentir mais vontade de ler e de escrever. Um dos relatos dos professores é que os alunos se tornaram mais exigentes com seus trabalhos e que não houve uma melhora imediata na escrita, mas na preocupação dos próprios alunos com a correção ortográfica e com pensamento crítico.

Para escrever um texto é preciso fazer leituras de textos relacionados a esse assunto. Com a leitura constante, aumenta-se o vocabulário e o interesse em buscar os significados para as novas palavras, com as quais estavam tomando contato pela primeira vez. Professores relatam que os alunos que participaram das oficinas mostraram uma curiosidade aguçada na busca dos significados. A falta de leitura é uma coisa preocupante e recorrente no cotidiano das escolas, Com as oficinas, a leitura foi apresentada de forma sutil, interessante e convidativa. A produção do jornal e o trabalho colaborativo com professores também apresentou um aspecto relevante. Outros dois pontos abordados por alunos foi sobre como essas atividades os ajudaram no relacionamento com o professor.

Segundo os alunos, as atividades conjuntas auxiliaram no relacionamento diário com os professores. Os estudantes que se sentiam tímidos em relação ao professor passaram a ter maior liberdade para perguntar, questionar, tirar dúvidas e até mesmo conversar. A produção do jornal, segundo os estudantes participantes do projeto, os auxiliou a estudar em grupo. Alguns alunos aprendem conteúdos e formam grupos de estudos em suas casas para auxiliarem outros colegas, e o resultado tem sido satisfatório.

A iniciativa pessoal foi um ponto que mais se destacou como avanço em todas as escolas que produziram o jornal. Os professores relatam que a autoestima dos alunos que participaram das oficinas já não é mais como antes, pois agora eles se sentem com mais liberdade e encorajados. De um modo geral, o processo de desenvolvimento das atividades atuou como elemento motivador para o engajamento nas tarefas. O trabalho em grupo e colaborativo passou a ser mais natural e menos conflitante.

Uma das propostas do projeto é auxiliar o aluno a conhecer seu próprio potencial, a reconhecer sua capacidade de produzir resultados, de mostrar que ele é capaz de fazer muito e de tomar consciência do quanto ele é importante para a sua comunidade. Entretanto, alguns professores disseram que sempre há alunos que não se abrem para a aproximação com a escola e com professores, mas que a educomunicação é uma ferramenta que possibilita ainda mais estreitar essa relação de participação no conteúdo escolar.

Dos resultados obtidos no final da primeira fase, em dezembro de 2015, ficamos com a convicção de que toda a comunidade escolar, assim como a comunidade local, se sentiu parte de todo o processo. A comunicação interna e externa às salas de aula sempre se revigora quando há troca de saberes.

Vale destacar a satisfação dos alunos, principalmente, em ver o resultado de todo o trabalho circular entre os seus colegas e familiares. Professores narram que quando receberam o jornal feito por seus alunos, o sentimento foi de orgulho e de reconhecimento por saber que foram aqueles educandos que antes não escreviam quase nada, hoje já se reconhecem capazes de produzir textos excelentes. Sem dúvida alguma, os momentos de distribuição do jornal, de leitura, foram marcantes para todos os envolvidos no projeto.

Quando os alunos receberam seus textos impressos ficaram muito entusiasmados e logo quiseram mostrar a todos o trabalho realizado ao longo dos encontros das oficinas de jornalismo. A vontade de identificar quais pautas e textos eles haviam trabalhado e quais fotos foram tiradas e por quem. Seguem, na sequência, algumas fotos do momento de circulação dos jornais.







Considerações Finais

O jornal impresso ainda é uma ferramenta de utilidade para o aprendizado em sala de aula. Mais ainda: ele é material, pode ser tocado, pode ser trocado entre as pessoas. Na experiência de entrega do jornal para os alunos e familiares, foi possível ver os alunos auxiliando seus pais na leitura, na identificação dos textos e das fotos. Segundo relatos de professores e alunos, um jornal impresso, ainda que hoje não seja consultado com frequência, cumpre um papel importante enquanto ferramenta educacional.

Na experiência da manufatura dos jornais é nítido também o sentimento de pertencimento e conquista. É importante destacar que os celulares foram utilizados para a gravação das entrevistas, para fotos e para trocas de informações com a equipe da UFMT, via *Whatsapp*.

A interface Comunicação e Educação abre um leque de possibilidades libertadoras, como a autonomia para a pesquisa, para a apuração de informação e, a partir deste trabalho, produzir algo que seja capaz de compartilhar o conhecimento adquirido, ao mesmo tempo em que direciona o educador como condutor indispensável de todo o processo. Ao participar das oficinas os estudantes passaram a conhecer também, muito mais das aplicações e técnicas que tecnologias usadas diariamente proporcionam como, por exemplo, usá-las também para aproveitar o tempo com seus estudos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Lgia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Disponível em:

http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/areas_de_intervencao_da_educao/1. Acesso em: 04 de julho de 2016.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia P. **A interação sujeito-linguagem em leitura**. I Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal ocorrido em 1993 no Instituto de Letras da Universidade de Brasília - DF, 1993.

GARCIA, Gabriel Edson. **Comunicação e Educação: campos e relações interdisciplinares**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>. Acesso em: 03 de julho de 2016

MOTTA-ROTH, Désirée e SCHERER, Anelise Scotti. **Popularização da ciência: a interdiscursividade entre ciência, pedagogia e jornalismo**. Bakhtiniana, São Paulo, 164-189, Maio/Ago. 2016.

SILVA, A. L., Krauss, R. 2012. **O Jornal Escolar como Campo de Estudo da Educomunicação**: A Experiência Pedagógica do Jornal Educativo e das Notícias Escolares. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-krauss-o-jornal-escolar-como-campo-de-estudo-da-educocomunicacao.pdf>. Acesso em: 03 de julho de 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em: 03 de julho de 2016